

DUARTE, Laura Maria Scheneider. Isto não se aprende na escola: a educação do povo nas CEBs. Vitória, UFES, 1982. 162p. (Tese mestrado)

A falta de conhecimento sobre a organização e funcionamento das Comunidades Eclesiais de Base - CEBs, bem como das experiências de educação popular que têm sido desenvolvidas, levou Scheneider Duarte a empreender este estudo.

Durante dois anos (1980-82) a autora estudou as CEBs da Grande Vitória (ES) — cerca de 250 unidades — utilizando técnicas de pesquisas etnográficas — observação participativa e entrevista. Tal universo foi considerado para que se pudesse traçar o mapeamento global das características das CEBs. O campo de observação limitou-se, no entanto, a apenas três comunidades: Aribiri, Ataíde e São Marcos.

Antes de desenvolver o tema, Duarte tece considerações sobre a educação formal e explica que a escola, de caráter seletivo, "organizada em valores, comportamentos e ritmos de aprendizagem das elites intelectuais", distribui rótulos de fracassados, cria excedentes de trabalhadores e tenta manter a classe trabalhadora submissa, sem as condições necessárias para defender seus interesses vitais, contribuindo para aumentar a distância entre o homem e o direito e esforçando-se para eliminara tomada de consciência e o exercício da cidadania.

A organização popular nas CEBs propiciou a realização da educação popular, produzida pelas e para as classes populares. A organização dos fiéis levou a Igreja de Vitória, nos últimos quinze anos, a direcionar o seu trabalho pastoral em favor dos não privilegiados, optando preferencialmente pelos pobres (a expressão "opção preferencial pelos pobres" foi utilizada pela primeira vez no documento Evangelização no Presente e Futuro da América Latina, 1979).

Para melhor explicar as CEBs e o modo pelo qual o cristão exerce sua fé no presente, Scheneider Duarte recorre ao embasamento histórico de Clodovis Boff. Este autor cita as três grandes fases da história da Igreja.

A primeira, denominada Igreja dos Pobres, estende-se até o Século IV, época de Constantino e Teodósio, em que os cristãos eram escravos, servos, indivíduos pertencentes à base da pirâmide social. A segunda está compreendida entre o Século IV e o Vaticano II. Nela a Igreja alia-se aos que detêm o poder, e sua postura em relação aos pobres é assistencialista e paternalista. Por esta razão Clodovis Boff a chama de Igreja para os Pobres. Só na terceira fase, que se inicia em Medellín e Puebla (1968-1980), onde descobre que "os pobres e carentes são o resultado planejado de uma série de ações e mecanismos espoliadores" mas que "uma vez unidos e conscientizados, podem ser sujeitos de sua libertação" é que a Igreja se volta para "o 'Servo Sofredor', o 'Pobre de Java', o 'Resto de Israel', diante do qual o coração de Deus se compadecede, em defesa do qual a ira de Deus se manifesta e, finalmente, no seio do qual o Deus próprio se faz homem". Esta última fase é denominada de Igreja com os Pobres.

Feita a descrição do estado atual do pensamento e prática dos cristãos, sobretudo os da América Latina, Duarte volta-se para as CEBs.

A região em que estudou as CEBs é constituída de cinco municípios. O município de Serra possui aproximadamente oitenta comunidades, compostas principalmente por famílias vindas recentemente do interior, com problemas sociais e jurídicos, já que possuíam terras. Em Vila Velha — cinquenta CEBs — encontram-se as comunidades mais antigas da Grande Vitória e com alto grau de conscientização sócio-política. Cariacica, com suas setenta e cinco comunidades, é habitada por indivíduos de classe média e baixa. Vianna, com seus bairros isolados, circundados por cinturões verdes que dificultam a organização

popular, conta com vinte comunidades. **Vitória** possui algumas características próprias. As vinte e cinco CEBs encontram-se localizadas na periferia, onde as famílias lutam pela sobrevivência nos mangues e morros. Além de não terem as condições mínimas necessárias para viverem modestamente, esses critérios de Vitória "se confrontam com os padres que respondem pelas paróquias da ilha. Estes não apoiam e não facilitam o trabalho".

As CEBs foram organizadas, principalmente, graças ao trabalho dos agentes pastorais — leigos de diversos níveis de escolaridade que assessoram várias comunidades. Esses agentes teriam um relacionamento de igual para igual com os demais membros da comunidade, não existindo entre eles uma estrutura hierarquizada. A autora os define como o educador-educando e cita Marlene Pires, agente de pastoral há dez anos: "a pedagogia usada no trabalho pastoral é libertadora, nunca podendo ser manipuladora ou domesticadora. Trata-se de uma proposta dialeticamente aberta ao povo e que sofre constantes transformações, para que atenda aos interesses desse mesmo povo".

As intervenções dos agentes na comunidade ocorrem nos níveis pedagógico-pastoral e pedagógico-político.

A intervenção pedagógico-pastoral é definida como a prática de promover mudanças na atitude eclesial, através do processo de redefinição e redistribuição do poder no âmbito das práticas desenvolvidas e aceitas como eclesiais. Os **Cursos de Liturgia**, estando no âmbito dessa intervenção, mostram a Celebração como a celebração da vida, com seus momentos de prazer e dor, não fechando os olhos aos problemas quotidianos, mas ao contrário, buscando a luz, a verdade, a justiça através do aprendizado democrático e discutindo as condições de trabalho, habitação, transporte, lutas sindicais, etc.

Na intervenção pedagógico-política, o agente estimula a participação de

todos os membros não só no seio da pequena comunidade eclesial como também nas demais instituições da sociedade, sobretudo as políticas, como os movimentos populares, sindicais e partidários.

O material escrito utilizado nas CEBs é elaborado por indivíduos que se dedicam, com exclusividade, "ao trabalho pastoral na periferia, o que propicia a adequação dos textos à realidade". Em 1976, redigiu-se o **Manual do Eleitor** que visava "esclarecer o eleitor cristão sobre as eleições de 1976: voto, tipo de política, lei eleitoral e a tarefa da Igreja como defensora dos direitos do cidadão". Posteriormente foram elaborados dois cadernos denominados **Bate Papo sobre Política**, que abordavam entre outros temas a Produção, Estado, Ideologia e Neocolonialismo. O periódico **Boletim da Frente** "traz informações sobre a vida do povo, suas experiências e lutas, sobre fatos e documentos da Igreja, notícias da realidade sócio-política, a luta dos índios, problemas da terra urbana e rural, reflexão bíblica, etc."

O material escrito; as técnicas da pedagogia popular que favorecem a liberdade de expressão e a consciência crítica; a avaliação formativa e aberta a todos os membros; e a conscientização sócio-econômico-política como conteúdo privilegiado, completam o processo educativo-pastoral. Vale ressaltar que nas CEBs a política é vista como o dever máximo do cristão, por ser a "grande arma que temos para construir uma sociedade justa do jeito que Deus quer".

Concluindo, a autora demonstra que o trabalho pastoral-educativo realizado nas CEBs, além de ser uma alternativa de Igreja para o povo, é uma "alternativa de educação para as classes populares que não encontram um lugar para se fazerem sujeitos de sua história" e propõe que a "escola aprenda com a pequena Comunidade Eclesial de Base, que todo homem tem seu valor e que os fatos da vida ensinam mais do que qualquer escola que despreza esses ensinamentos". (RCF)